

QUANDO TAMANHO É DOCUMENTO: POR QUE
JOHNNY ESCREVE MAIS DO QUE JOÃO?

Dilvo I. Ristoff*

Universitários brasileiros e americanos foram informados por seus professores de que, no prazo de duas semanas, deveriam escrever, em sala de aula, durante uma hora e quarenta minutos, uma dissertação sobre o tópico "valores universitários".

Durante duas semanas os dois grupos de alunos ficaram expostos ao mesmo conjunto de textos-textos que os alunos poderiam utilizar como material de leitura e que os professores efetivamente utilizaram para discussão em sala de aula. O objetivo era simples: criar as condições para que os alunos pudessem produzir a dissertação já tendo sido expostos à complexidade do tópico. Cabe mencionar que este trabalho de pré-escrita está baseado no argumento, hoje enfaticamente sustentado pelos que trabalham com expressão escrita, de que o ato de escrever é um complexo processo de descoberta, organização, comparação, desenvolvimento, adequação e avaliação de idéias, e não fruto de inspiração momentânea de mentes superdotadas. Em outras palavras, escrever bem tem muito a ver com estudo, dedicação, paciência e, principalmente, suor. Como dizia Bernard Shaw, escrever é 90% perspiração e 10% inspiração. Era, em grande parte, a "perspiração" que pretendíamos resgatar com a estratégia adotada.

* Professor do Departamento de Língua e Literaturas Estrangeiras.
Universidade Federal de Santa Catarina.

Os alunos e professores só foram informados da questão específica que deveria ser discutida no dia e hora em que as dissertações foram escritas. A intenção era, por um lado, evitar que os professores, involuntariamente, direcionassem a discussão para um aspecto específico do tópico e, por outro, evitar que os alunos, conhecendo antecipadamente a questão, se sentissem tentados a virem à sala de aula com uma dissertação previamente redigida.

As dissertações revelam diferenças marcantes entre os dois grupos de alunos. Procurávamos, com o estudo, descobrir o que estes alunos pensam sobre questões como autoridade, instituições, professores, a vida profissional, o trabalho, o lazer, enfim, buscávamos os pressupostos que norteiam a discussão que estes estudantes fazem da vida universitária.

Apesar de muitas surpresas, tivemos respostas mais ou menos esperadas para a maioria de nossas perguntas. O que de imediato mais nos surpreendeu, entretanto, não foi a natureza e a direção ideológica das discussões, mas, simplesmente, a gritante diferença no tamanho dos textos. Após estudar estes textos detalhadamente só pudemos concluir que, ao contrário do que normalmente se acredita, tamanho é documento. Pelo menos até certo ponto, a quantidade se traduz em qualidade. O que os textos sugerem é que reconhecer a complexidade do assunto em discussão, sustentar um argumento com detalhes ilustrativos, desenvolver as idéias adequadamente, entre outros, implica necessariamente escrever mais do que apenas algumas linhas.

Ora, a língua portuguesa, como sabemos, é muito mais redundante que a língua inglesa: tem mais concordância nominal, con-

cordância verbal, concordância de gênero, número etc. Isto, somado à origem latina da maioria dos termos da língua portuguesa, com número significativamente menor de monossílabos que a língua inglesa, faz esperar que o volume médio de material produzido, sob condições similares, seja maior em nossa língua. No entanto, no caso em questão, a diferença é marcante exatamente no sentido contrário. Enquanto os estudantes norte-americanos produziram em uma hora e quarenta minutos uma média de três páginas de texto por aluno, os brasileiros produziram em média, apenas uma.

Nossa tendência, dada a nossa auto-imagem extremamente negativa enquanto povo, é atribuir essa diferença a uma menor dedicação dos alunos brasileiros ao estudo do tópico durante as duas semanas que antecederam ao dia da produção do texto. Esta não é uma explicação descartável e, se verdadeira, confirmaria o mito de que o estudante americano estuda mais. No entanto, não temos evidências para fazer uma afirmação categórica a este respeito, embora compartilhemos da definição de "mito" do crítico Leslie Fidler, qual seja a de que "o mito é uma mentira que diz a verdade".

O que podemos afirmar, no entanto, é que a natureza das declarações dos textos é muito diferente nos dois grupos, e isso talvez explique melhor porque nossos estudantes, no caso em questão, produziram textos menores. Nossas observações mostram que, invariavelmente, o discurso dos universitários americanos caracteriza-se por um equilíbrio entre relatos, inferências e juízos, enquanto que o discurso dos brasileiros, via de regra, negligencia o relato e torna-se acentuadamente inferencial e julgativo. Assim, por exemplo, temos frases brasileiras que dizem "Os Centros

Acadêmicos atuam de maneira ilusória perante os administradores da universidade". O aluno, evidentemente, deve ter feito algumas observações para poder inferir que a ação dos Centros Acadêmicos é ilusória. O leitor, no entanto, não fica conhecendo esta informação e, por isso mesmo, fica sem saber qual o significado de uma ação ilusória. Nós até podemos imaginá-las, mas a verdade é que o autor não as produziu, e aí está a razão de seu texto ser curto e pouco inteligível.

Outro exemplo é a frase do calouro brasileiro que diz: "Os representantes do povo dirigem o país como melhor lhes convém". Novamente, a frase é inferencial e julgativa. Inferencial porque a declaração está baseada em algum ato do governo que fez o autor chegar a esta conclusão; julgativa porque o autor expressa a sua atitude com relação ao observado, ou seja, entende ele que o governo deveria agir de outro modo. Ora, as inferências e juízos são perfeitamente aceitáveis quando devidamente acompanhados de relatos que os sustentam. O exemplo aqui apresentado, no entanto, é apenas um dos muitos exemplos de inferências e juízos montados no vazio. Mesmo que aceitemos a verdade da inferência, não podemos fugir ao fato de que lhe falta a sustentação, a ilustração, o desenvolvimento da idéia, o relato. Dada essa ausência, o texto torna-se obscuro, impreciso ou, utilizando a terminologia desenvolvida pelo semanticista S. I. Hayakawa, o texto aparenta reafirmar os traços estilizados de um "mapa" e não a realidade de um "território" ao qual o "mapa" deveria se referir. O tamanho reduzido do texto, novamente, é só uma consequência.

Nos textos dos estudantes americanos o relato predomina. As inferências e as emissões de juízo são, em geral, criteriosamente acompanhadas de exemplificações e descrições. Assim, por exemplo, um aluno escreve que "os pais exercem enorme pressão sobre os seus filhos, pois os sete mil dólares que pagam por semestre à universidade fazem com que os pais se sintam com o direito de exigir de seus filhos não só trabalho mas também sucesso". A quantidade de informações que recebemos neste caso é notável: ficamos sabendo que a universidade é paga, que os filhos dependem do auxílio financeiro dos pais, que os pais fazem certos tipos de exigências e que o custo da educação durante um semestre naquela escola é de sete mil dólares. Como podemos ver, o aluno saiu do plano puramente inferencial e julgativo, enriquecendo o seu texto primeiro com o relato de informação verificável para em seguida estabelecer uma relação de causa e efeito entre a dependência econômica e as exigências dos pais. Deste modo, a idéia ganha sustentação e o texto ganha tamanho.

Está aí, sem dúvida, também, uma das explicações para a maior clareza dos textos dos universitários americanos e para o fato de os mesmos terem produzido três vezes mais texto do que seus colegas brasileiros. As inferências e juízos tendem, no caso brasileiro, a paralisar o pensamento, dando a impressão de que tudo foi dito, quando, na verdade, o informativo, o pictórico, o comunicativo permanece com o autor.

Hayakawa argumenta que deveríamos suprimir de nossos textos expressões como "Jack nos pregou uma mentira" em favor de algo como "Jack nos disse que não tinha as chaves do carro. Entretanto,

ABSTRACT

A comparative study of compositions written by Brazilian and American freshmen showed not only significant differences in the students' treatment of academic and social values but also, strangely enough, a significant difference in the amount of text produced. In one hour and forty-five minutes, American freshmen wrote an average of three pages, whereas their Brazilian counterparts wrote only one page. There is evidence enough to infer that the explanation for such a difference lies in the nature of the statements produced by both groups. In a typical American text, one finds that reports predominate, whereas in a typical Brazilian text, judgments and inferences are more common. In most cases, these differences in quantity correspond to differences in quality.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

DI YANNI, Robert. Connections-Reading, Writing and Thinking. Upper Montclair, New Jersey: Boston/Cook Publishers, Inc., 1985.

DODDS, Jack. The Writer in Performance. New York: Macmillan Publishing, 1986.

Hayakawa, S. I. Language in Thought and Action. Harcourt Brace Jovanovitch, 1939.

MESSNER, Gerald and MESSNER, Nancy. Patterns of Thinking. Belmont: Wadsworth, 1974.

ROBERT, William and TURGEON, Gregoire. About Language. Boston: Houghton Mifflin Co., 1986.

STEINMAN JUNIOR, Martin. Words in Action. New York: Harcourt Brace Jovanovitch, Inc., 1979.